

BRASÍLIA-DF



POR ANDRÉ
GUSTAVO
STUMPF

stampf@cbdata.com.br

O SHOW POLÍTICO DO
SENADO VAI CONTINUAR.
O DEPOIMENTO DE
ANTONIO CARLOS
MAGALHÃES
PARALISOU O GOVERNO

O diabo é o diabo por ser velho

Não me lembro de ter visto no cinema nacional cena com tamanho impacto e dramaticidade, construída apenas por palavras, sem cenários, efeitos especiais ou música de fundo, como a que foi protagonizada pelos senadores Antonio Carlos Magalhães e Heloísa Helena no Conselho de Ética, ontem, reunido no Senado para ouvir a versão baiana da violação do painel eletrônico. Foi um show que terminou com rápido close da representante de Alagoas de cabeça baixa sem acreditar nos elogios que acabara de ouvir.

Em outro canto da sala, a senadora Marina Silva (PT-AC) chorava. Heloísa Helena é pessoa educada. Ela tem suas razões para as mágoas que guarda pelas acusações de ter protegido Luiz Estevão. Segundo sua avaliação, os informes que chegaram aos jornais saíram dos gabinetes de José Roberto Arruda e Antonio Carlos Magalhães. Por essa razão, pediu a suspensão da sessão até que o ex-presidente do Senado entregasse a relação de nomes e votos daquela histórica sessão.

O ex-presidente, experiente de quase cinqüenta anos de poder, utilizou um recurso inesperado. Mesmo depois de ser fortemente atacado, momento em que ouviu quieto os agravos feitos de corpo presente, desmanchou-se em explicações. Contou um caso em que ele e ela garantiram voto de determinada pessoa, não revelada, a favor da cassação e concluiu afirmando que jamais duvidara do voto de Heloísa Helena. Passou atestado público de que ela votou contra Estevão. O diabo não é o diabo por ser o diabo. O diabo é o diabo por ser velho. Ninguém brinca com a experiência.

O depoimento de Antonio Carlos Magalhães não agregou nenhuma novidade ao que já se sabia. Ele escolheu uma linha de defesa perigosa, mas capaz de livrá-lo da cassação. Afirma que defendeu o Senado. Mas abre, com sua posição, a perspectiva do crime de prevaricação por ter-se omitido quando José Roberto Arruda apresentou-lhe a relação com nomes e votos da sessão em que foi cassado Luiz Estevão. Não falou de filhos, não chorou, nem pediu a proteção dos santos. Foi firme, sereno e humilde no momento próprio, incisivo na hora necessária e capaz de elogios surpreendentes como o que fez a Arruda e a Heloísa Helena.

O Senado é uma casa política. Os fatos não são suficientes para movimentar as engrenagens no sentido da cassação. Serão necessários entendimentos, negociações e conversas. Remanesce, ao lado da cena política, um José Roberto Arruda devastado pela crise de consciência, pelos discursos contraditórios e pelo fato de que ele, também, mentiu para os senadores. E, ao fundo, Jader Barbalho, presidente da Casa, responsabilizado por fluviais desvios de verbas no território da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam).

O país parou. O presidente Fernando Henrique assistiu parte do depoimento com seu conselho político no Palácio da Alvorada. No Planalto, em todos os gabinetes as televisões estavam ligadas na TV Senado. Não há medição de audiência para as TVs a cabo. É uma pena. Ontem, a pequena emissora do Senado da República deve ter batido todos os recordes. Nenhum programa de auditório chegou perto do show de Antonio Carlos Magalhães. Hoje é o dia de José Roberto Arruda.

O Senado vai rolando escadas abaixo na consideração da opinião pública. A crise está longe de terminar. O processo de cassação é longo e doloroso. Provoca sequelas e gera vinganças. O PSDB já perdeu um senador. O PFL vai apoiar Antonio Carlos Magalhães até a 25ª hora. O PMDB tentará proteger Jader Barbalho. E o Partido dos Trabalhadores defenderá Heloísa Helena. Mesmo com as provas sobre a mesa, e elas estão se tornando capazes de atingir até os olhos menos sensíveis, os senadores vão ter que conversar muito. Difícil recuar. Difícil negociar. E difícil ir em frente.

ESTA COLUNA É PUBLICADA DE QUARTA A SÁBADO